

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA

“O ALEGRE CANTO DA PERDIZ”, DE PAULINA CHIZIANE

Anna Beatriz Rocha Gomes de Oliveira¹

Isabelle Cardoso Roquini²

Elisa Andrade Costa³

Resumo

O presente artigo analisa a figuração feminina no romance “*O Alegre Canto da Perdiz*”, de Paulina Chiziane, assim como suas diferentes representações no enredo. Para isso, primeiramente analisamos o contexto histórico colonialista no qual a história está inserida e a fase pós-colonialista da literatura africana à qual o livro pertence. Já a segunda etapa consiste em relacionar aspectos destes períodos às personagens que dão vida à história. No romance percebemos, por meio da protagonista, a simbologia do sofrimento da mulher negra durante a colonização e as marcas deixadas por esse período, mesmo após a independência. Maria das Dores, Delfina e Serafina são representações do pensamento vigente na sociedade colonial, embora cada uma enfrente de modo diverso os desafios que se apresentam. Em meio a histórias lendárias, a narrativa poética revela o papel da mulher e sua luta contínua.

Palavras-Chave: Literatura africana. Mulher. Opressão. Racismo.

THE FEMALE REPRESENTATION IN THE BOOK

“O ALEGRE CANTO DA PERDIZ”, BY PAULINA CHIZIANE

Abstract

This article analyzes the female figuration in the novel *O Alegre Canto da Perdiz*, by Paulina Chiziane, as well as their different representations in the plot. For this, we first analyzed the colonialist historical context in which the story is inserted and the post-colonial phase of African literature to which the book belongs. The second stage consists of relating aspects of these periods to the characters that give life to the story.

¹Graduanda em Letras pelo UGB/FERP.

²Graduanda em Letras pelo UGB/FERP.

³Mestra em Literatura Brasileira pela UFRJ.

In the novel, we perceive, through the protagonist, the symbology of the suffering of black women during colonization and the marks left by this period, even after independence. Maria das Dores, Delfina and Serafina are representations of current thinking in colonial society, although each one of them faces the challenges that lie ahead in different ways. Amidst legendary stories, the poetic narrative reveals the role of women and their ongoing struggle.

Keywords: African Literature. Woman. Oppression. Racism.

Introdução

O presente trabalho visa analisar a representação feminina na obra *O alegre canto da perdiz*, da autora moçambicana Paulina Chiziane. A narrativa revela as dificuldades das personagens e de todo o povo frente à colonização ocorrida no século XIX, com as ocupações dos povos europeus. Foram aproximadamente 75 anos de colonialismo, tendo como objetivo a exploração econômica. Esse período gerou a reconfiguração das fronteiras geográficas do continente africano, criadas pelos europeus com o propósito de facilitar as rotas comerciais e a exploração de matéria-prima. Conseqüentemente, ocasionou a separação de áreas e economias, sociedades e povos já existentes. Revela-se uma nova face da África, a rivalidade entre povos e políticas, a inserção de modelos de educação e cultura ocidentais e a desigualdade econômica entre os colonizadores e os nativos.

Apesar da grande repressão dos colonizadores às tentativas de independência da África, em 1955, com a Conferência de Bandung (Indonésia), que visava discutir sobre a situação econômica dos países, o processo de descolonização se tornou possível, ocorrendo gradativamente em alguns países da África. No caso de Moçambique, país que é cenário das histórias presentes no livro analisado, a independência só ocorreu em 1975.

Contudo, as conseqüências geradas pelo período de colonização e descolonização foram avassaladoras. Com a retirada dos impérios europeus, os

países se encontravam instáveis, com conflitos étnicos culturais acentuados, fronteiras com dificuldades de serem sustentáveis permanentemente e em condições de pobreza. Esse fato histórico reflete na literatura e este trabalho irá se aprofundar mais precisamente na literatura africana de língua portuguesa. Seus primeiros escritos literários expressavam a apreensão vivida entre a realidade da sociedade colonial e a sociedade africana que precisava utilizar a língua herdada dos portugueses. Após a independência, a escrita literária assume uma visão individual e intimista, na qual cada escritor relata sua experiência pós-colonial.

Dentre esses relatos, poucos ainda são os de vozes femininas. Em meio a uma sociedade na qual o sistema patriarcal prevalece e a educação não é uma realidade para todos, as mulheres estiveram, por muito tempo, distantes do mundo das letras. Assim, expressam-se como contadoras de histórias em meio às tarefas e vínculos familiares e carregam na oralidade toda a preciosidade de suas vivências e sabedoria.

As obras de Paulina Chiziane são uma revelação em meio à escassez de produções femininas. A autora representa um dos mais importantes nomes das literaturas africanas de língua portuguesa, sendo a primeira mulher moçambicana a escrever um romance. Contadora de histórias, como prefere ser conhecida, Paulina expressa em suas entrevistas como o mundo da mulher ficou sempre muito escondido, por isso busca contar as alegrias, as tristezas e os sonhos como forma de demonstrar a liberdade e identidade das mulheres como seres humanos.

A presença da mulher em suas obras é marcada pela ligação com a natureza, e o relato dos problemas enfrentados e vivenciados em seu cotidiano, no qual há muita desigualdade entre os sexos, e muito sofrimento. A figura feminina é representada por Paulina como parte ativa da construção de um novo mundo pós-colonização, fugindo da ideia recorrente de submissão e silêncio diante de assuntos de extrema importância, colocando-a como protagonista da história.

Por fim, a obra explorada neste estudo revela os traços da autora que, com olhar crítico desnuda a história do país, bem como o papel da mulher nesse ambiente. Pretende-se analisar, portanto, a construção das personagens femininas e as simbologias que representam no decorrer do enredo.

Aporte teórico

Ao partirmos do pressuposto de que a construção histórica de um povo reflete na literatura, o professor Marcelo José Caetano (2007) afirma que:

O texto literário não é autônomo em relação ao ambiente histórico e cultural em que é produzido. Ele é um modo de projecção das questões e pontos de vista que configuram esse ambiente. Noutros termos, a experiência literária não é exclusivamente estética, mas diz respeito a um certo modo de percepção que é histórico-cultural, implica uma escolha discursivo-ideológica daquele que escreve.(p. 3)

Desse modo, analisaremos a construção das personagens femininas e sua representação no livro *O Alegre Canto da Perdiz*, da autora Paulina Chiziane, através de uma visão histórica que abrange os acontecimentos em voga no período representado na obra. Para tal, este trabalho pretende, em primeiro instante, esclarecer as fases que abrangem as literaturas de língua portuguesa em Moçambique, terra natal da autora e cenário da obra em análise, com o objetivo de reconhecer as características na escrita de Paulina.

No artigo *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, as autoras Maria Nazareth Fonseca e Terezinha Moreira (2017), afirmam que a literatura africana de Língua Portuguesa pode ser dividida em três fases: colonial, nacional e pós colonial. Já o historicista Patrick Chabal (1994), divide-a em quatro fases. Na primeira fase, da assimilação, destacam-se temas voltados ao sofrimento, trazendo à tona as mazelas vividas durante o período em que os europeus colonizaram a terra moçambicana. A produção dessa fase mostra o cotidiano dos negros e a duplicidade dos mulatos que negavam suas raízes para terem uma vida melhor. Além disso, observa-se uma alienação dos primeiros escritores frente ao modo de vida imposto pelo colonizador. A fase que se segue é a da resistência, que abrange a produção nacionalista e caracteriza-se por trazer uma literatura de combate, formada, em sua

maioria, por escritores que faziam parte de movimentos libertários em Moçambique. Nela, as obras são tomadas pela realidade crua da vida dos negros colonizados, a exploração, pobreza e desgraças à qual são submetidos. É nessa fase ainda que surgem os escritores que têm como objetivo mostrar “moçambicanidade” ao mundo, empregando em seus escritos uma linguagem com marcas da tradição oral e mostrando a cultura do povo.

A produção de Paulina Chiziane encaixa-se na última fase da literatura moçambicana, a pós-colonialista ou pós-independência, que coincide com as duas últimas fases propostas por Chabal (1994), a fase da afirmação do escritor africano e a da consolidação de seu trabalho. Nesse período, os escritores utilizam um tom mais individual e intimista para retratar suas visões dos fatos ocorridos no período colonial e suas consequências, além de buscarem na escrita um retorno às tradições, a construção de uma linguagem mais nacional e o resgate da identidade do povo. Sobre o seu processo de escrita, Paulina diz:

Dizem que sou romancista e que fui a primeira mulher moçambicana a escrever um romance (*Balada de amor ao vento*, 1990), mas eu afirmo: sou contadora de estórias e não, romancista. Escrevo livros com muitas estórias, estórias grandes e pequenas. Inspiro-me nos contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte. Nasci em 1955 em Manjacaze. Frequentei estudos superiores que não concluí. Actualmente vivo e trabalho na Zambézia, onde encontrei inspiração para escrever este livro. (CHIZIANE, 2004, apud FONSECA e MOREIRA, 2017, p. 37)

Assim, através de suas histórias, Paulina leva o leitor a uma análise da situação da mulher em meio às transformações ocorridas no país e em face de todos os sofrimentos vividos pelo povo moçambicano, mais especificamente. Apesar de ter sido escrito em um período bem posterior à independência do país, o cenário temporal do livro flutua da época em que a presença e influência dos europeus era muito grande a um período no qual o branco já havia se retirado do país:

A memória da mulher encalhou como uma nau na areia do tempo. Não sabe que a guerra acabou, os brancos partiram e se mudou a bandeira. Não sabe que ainda houve uma nova guerra e uma nova paz debaixo da nova bandeira. (CHIZIANE, 2018, p. 52)

Um ponto importante a ser observado nas personagens de Paulina é o conflito apresentado por Fanon de que a mulher negra diante do processo de colonização vê duas opções: a dependência ou assimilação. Ou se admitem inferiores aos brancos e aceitam a dominação, ou tornam-se “brancas”, abrindo mão de sua identidade, mas nunca sendo plenamente aceitas. Nas palavras de Fanon:

Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco. (FANON, 2008, p. 94)

Além disso, outra ideia presente em Fanon é a da relação entre a mulher negra e o homem branco e o desejo de adquirir superioridade através dos relacionamentos pelo “embranquecimento” social. Essa situação é representada por Delfina e sua relação com os brancos. Em primeira instância, o relacionamento com seus clientes, que dão a ela boa vida, boa comida e a exaltam como rainha e, depois, no seu relacionamento com o branco Soares, com o qual ela passa a morar junto e tem uma filha mulata, que representa para ela um troféu de finalmente ter alcançado a posição de senhora, esposa de um branco:

Pois, afinal de contas, é preciso embranquecer a raça; todas as martinicanas o sabem, o dizem, o repetem. Embranquecer a raça, salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar “a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram”, mas para assegurar sua brancura. (FANON, 2008, p. 57)

Por fim, prossigamos partindo do pressuposto de que “a literatura ou a arte em geral nada mais são que formas especiais de relações que se estabelecem entre homens e suas circunstâncias de vida” (COELHO, 1993, p. 15), e é pela observação

dos aspectos culturais, sociais e históricos que iremos compreender as caracterizações conferidas às personagens.

Paulina Chiziane: uma contadora de histórias

Paulina Chiziane nasceu em 1955, em Moçambique, e viu de perto a luta pela independência, participando dela de forma ativa pela Frelimo (Frente de libertação moçambicana), distribuindo panfletos e manifestos pró-independência. Por ser mulher, era vista como incapaz e frágil, mas nunca se deu por vencida, usando até mesmo os pensamentos desdenhosos dos homens ao seu respeito para alcançar seus objetivos sem ser capturada pelas autoridades. Paulina sempre viu a literatura como um instrumento importante para a transformação da sociedade. Sobre isso ela diz em uma de suas entrevistas para o Sindicato de Professores do Estado de Minas Gerais, que a literatura em si não tem o poder de mudar, mas ajuda as pessoas a entenderem de forma melhor o mundo, a refletirem sobre os acontecimentos ao seu redor para que, então, sejam agentes de mudança.

Apesar de ser reconhecida como a primeira romancista moçambicana pela publicação do romance “Balada de amor ao vento”, em 1990, a autora rejeita os rótulos, e se autointitula contadora de histórias que, segundo ela, estão longe de serem apenas ficcionais. Todas têm fundamento em contos passados por seus ancestrais, de forma oral, e também nos acontecimentos cotidianos da vida das mulheres africanas, além de registros de períodos passados, de guerras e lutas pela independência. A autora afirma em entrevista ao Programa Extra-Classe do SinPro Minas⁴ que, além de entender a literatura como um meio de expressar sua visão sobre o mundo e de gerar reflexão em outros, compreende-a, também, como uma responsabilidade para os escritores africanos em geral, pois essa é a primeira geração

⁴ **In:** <https://www.youtube.com/watch?v=qMPv19JJHUo>

que pode relatar suas histórias de maneira escrita e perpetuar os antigos contos orais, mitos e canções através das letras.

Sobre a importância da oralidade, Paulina afirma, em diversas entrevistas, que prefere ser chamada de contadora de histórias, pois era assim que as coisas eram feitas antes da colonização. Ainda a respeito da tradição oral na literatura africana, o historiador e antropólogo Jan Vansina (1982) escreve em seu livro *A tradição oral e sua metodologia* que “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais” (p.139). A partir disso, vemos a valorização da tradição nas obras de Paulina Chiziane, através do uso da prosa poética em sua escrita, que imita os moldes das canções antigas dos africanos e o uso de trechos de músicas entoadas pelos negros moçambicanos que se encaixam nas histórias contadas nos livros. Além disso, a autora traz lendas e histórias antigas sobre a criação do mundo e as origens das mulheres e dos homens, e sobre como surgiram questões como a submissão, o patriarcado e o feminismo.

Em 2008, publica o livro *O Alegre Canto da Perdiz*, analisado neste trabalho, seguindo a linha pós-colonial da literatura africana que assume um tom mais individual e intimista ao retratar os acontecimentos do período colonial (FONSECA e MOREIRA, 2017, p. 31). Na obra nos é apresentada uma revisão crítica dos abusos e violências sofridas pelos negros durante a colonização, tendo suas vidas, língua, religião e famílias roubadas. A história começa com foco em Maria das Dores, uma mulher considerada louca, que vaga por Moçambique à procura de seus filhos perdidos:

Maria das Dores é o seu nome. Deve ser o nome de uma santa ou uma branca porque as pretas gostam de nomes simples [...] Maria das Dores é um nome belíssimo, mas triste. Reflete o cotidiano das mulheres e dos negros. (CHIZIANE, 2018, p. 12)

Ao longo do enredo, conhecemos a história da mãe de Maria, Delfina, a sereia do porto, que é introduzida na prostituição pela própria mãe, Serafina, que usava a filha para se beneficiar financeiramente. Delfina encantava os marinheiros portugueses e a todos os homens com sua beleza, sua cor e suas curvas:

Ela era o motivo das conversas de bar e das discussões entre os casais. Era ela a negra mais bela, mais bem vestida, mais apetecível. Sempre de saia curta. Blusa apertada e cabeleira postiça. Com sapatos altos picotando o chão de barro. (CHIZIANE, 2018, p. 75)

Ela desejava ser como as senhoras e sinhás brancas, por isso trazia os homens em suas mãos e usava seu corpo para conseguir seu sustento, boa comida e a esperança de entrar no mundo dos brancos, até apaixonar-se por um negro, José dos Montes, que não tinha dinheiro, mas a amava incondicionalmente, apesar de saber que nunca a faria feliz como ela sonhava. Por amor, José abre mão de sua língua, cultura e religião, e renega seu povo para tornar-se um assimilado e dar uma vida melhor à mulher. Delfina e José se casam dessa união nasce Maria das Dores e outros filhos pretos, o que não impede a mulher de traí-lo com um branco e abandoná-lo para ser o que sempre quis, uma senhora. Na casa do branco Soares, é a vez de Delfina renegar suas origens e sua cor, desprezando os próprios filhos pretos e exaltando a filha mulata que tem com o português, Maria Jacinta. Depois de ser exaltada ao nível que sempre quis alcançar, Delfina é abandonada pelo branco, que retorna à sua terra. Em busca de dar continuidade à vida sonhada, sem dificuldades, ela vende a virgindade de sua filha Maria das Dores a um bruxo chamado Simba, e a menina não é mais vista pela família. Com o tempo, cansada de viver em sofrimento, Maria foge com seus filhos. Para não ser encontrada por seu marido e despistar possíveis buscas, vai para a cidade de Gùrué e lá decide se esconder em uma gruta no alto do monte. Durante a subida com suas crianças, enfraquecida pela fome, sede e cansaço acaba desmaiando e acorda em um hospital onde seus filhos também estão, porém antes de vê-los, tem sua mente tomada pela loucura e passa a vagar pelas terras africanas.

Cada mulher ocupa seu lugar neste enredo, Serafina, Delfina e Maria das Dores, passam adiante um legado de sofrimento, traições e luta para conquistar um lugar na sociedade, seja para ter uma vida melhor, tornar-se senhora, seja para viver em liberdade. Ao final, vemos o reencontro da família e a esperança de um futuro em paz: “A paz assume o comando, no trono de pedra, e Delfina abraça todos os filhos e

todos os netos. Reina um violento silêncio. São o passado e o presente beijando-se nas invisíveis fronteiras do futuro.” (CHIZIANE, 2018, p. 332)

Figurações da Mulher: serafina e a supremacia do branco

A supremacia do branco sobre o negro é um dos temas mais recorrentes na literatura africana de língua portuguesa e alvo de suas maiores críticas. A visão deturpada da superioridade de um povo sobre o outro foi perpetuada durante anos por meio da colonização dos povos africanos pelos europeus. Um dos exemplos que evidenciam essa problemática ocorreu no século XX, mais precisamente no ano de 1926, quando foi estabelecida uma lei que visava dividir o povo africano em “bárbaros” e “civilizados”, de acordo com o uso da língua portuguesa na fala e na escrita. Dessa maneira, só eram considerados “civilizados” aqueles que faziam uso da língua dos colonizadores.

Na obra em análise, uma das maiores representações deste assunto é exposta através da primeira personagem, a matriarca da família, Serafina. Situada em uma fase histórica na qual os portugueses dominavam Moçambique, a mulher acredita que a única melhoria possível seria a partir do “embranquecimento” da raça. Com isso, passa a vender sua filha aos brancos, que lhes dão em troca boa comida, vinho e joias. Ao saber que sua filha irá se casar com o negro José dos Montes por amor, Serafina expõe toda a sua angústia:

Minha Delfina, esperava que me dissesse: tenho um amante branco! Olha que eu aceitaria, pois na nossa mesa não faltariam migalhas de vinho, bacalhau e azeitona. Agora, um condenado? [...]
Delfina refila. Como todas as crianças, nada sabe desta vida, deste mundo. Não experimentou ainda que a gestação é longa e a morte rápida. Que as mulheres negras aprenderam a olhar a gravidez com angústia e a auscultar a voz do futuro na boca das conchas. Viverá? Será rijo como ferro, segredam os búzios. Será livre ou escravo? (CHIZIANE, 2018, p. 91-92)

Compreende-se, então, que a visão de Serafina parte de um sentimento de opressão e medo, que se sobressai à sua identidade. É, na verdade, uma mulher ferida pelas intempéries da vida, que viu seus filhos sendo maltratados e levados para o desconhecido pela cor de sua pele. Sendo assim, vê em sua filha a esperança de um futuro melhor para a próxima geração através de uma evolução da raça, que viria com o nascimento de filhos mestiços. Como fica claro em sua fala: “Felizes as mulheres que geram filhos de peles claras, porque jamais serão deportados.” (CHIZIANE, 2018, p. 94)

Apesar dos conselhos de sua mãe, Delfina casa-se com José dos Montes e vive uma vida diferente da que sempre sonhou; o amor não é suficiente. Com o passar do tempo, seus caprichos desencadeiam a necessidade em José dos Montes de mostrar-se suficiente e suprir as expectativas de sua amada. Com isso, ele vê na assimilação uma maneira de afirmar-se como um homem respeitado e digno do amor de sua mulher:

Realizou as primeiras compras da sua vida. Roupas, sabão, perfume e lençóis brancos. Experimentou tudo e foi ao espelho pela primeira vez. Sentada na cama, Delfina observava o marido a mudar de identidade como uma cobra na mudança da estação. Arregalava os olhos e soltava suspiros de cada vez que José trajava mais uma nova peça. Roupas novas, vida nova. [...] José olha para a sua imagem e sorri. (CHIZIANE, 2018, p. 44)

José enfrenta as consequências de sua escolha ao abrir mão de sua identidade, cultura e até mesmo da língua, tendo que lutar contra seus próprios irmãos da terra e matar muitos deles em razão de seu sonho de satisfazer a mulher amada. Sobre isso, Josilene Campos (2008) afirma: “O modo de viver europeu seria um espelho, um modelo a ser seguido no caminho da evolução humana”. (p. 9)

Apesar de seus esforços, José dos Montes sofre a rejeição de sua amada Delfina que anseia pelo patamar de senhora branca, algo que um assimilado não pode oferecer a ela. No processo de tentar tornar-se melhor, ele sai de seu patamar de negro condenado para ser aprisionado pela ideia de atingir a supremacia dos

colonizadores europeus: “- Sou um homem novo, Delfina. / - És outro, sim, apenas nos documentos. Precisas de tomar muitos banhos para ter a imagem de um branco. És negro, és pobre, meu José, não tens dinheiro no bolso.” (CHIZIANE, 2018, p. 184-185.)

Então, compreende-se que a fase colonialista traz aos colonizados o desejo de se tornarem assimilados, com o pensamento de que, aproximando-se do colonizador, sua cultura e seus costumes, terão melhores condições, ou até mesmo que poderão adquirir parte do poder que eles têm. Porém, esses pensamentos são frustrados, como visto no exemplo de José dos Montes, que em busca de ganhar poder e atingir um status mais elevado, perde sua identidade.

Delfina e a colonização do corpo da mulher negra

A influência exercida pelos colonizadores vai além das vertentes econômicas e sociais, assim como modificou as demarcações geográficas das terras do continente africano e transfigurou uma sociedade antes regida pelos ideais do matriarcado. Esse domínio também transformou e caracterizou papéis sociais antes já estabelecidos. Novos significados vão sendo registrados de acordo com o caminho em que a história dos povos africanos se perpetua. Por esse caminho, deparamo-nos com uma sociedade na qual o capitalismo e o patriarcado regem os ideais.

Segundo Frantz-Fanon (2008) em sua análise “*A mulher de cor e o branco*”, o sentimento de inferioridade do colonizado, em relação ao colonizador, vem do ideal de superioridade em ser branco, um “mundo” que atinge a identidade e autoestima do negro. O poder que o colonizador exerce toma posse do corpo negro não só como mão de obra, mas de antemão, resulta em uma opressão que é vista sob uma perspectiva de beneficência que sobrepõe e mascara a violência imposta.

A partir dessa conjectura, o papel da colonização africana na perspectiva do corpo da mulher negra é compreendido como um processo de objetificação. Nesse viés, as mulheres são vistas pelos europeus apenas como objetos nos quais podem

descarregar seus desejos e depositar suas fantasias. O corpo negro passa a ser hispersexualizado e compreendido, muitas vezes, como uma mercadoria, um produto de exportação e até mesmo de negociação para aquisição e consolidação do poder dos colonizadores. Em consonância com tal comportamento, Bomfim (2009) afirma que:

Essa era a realidade que estava posta para as mulheres africanas racialmente escravizadas: apesar de se perceberem como gestoras de vida político-econômica e de civilização, pelo seu lugar na sociedade colonial e escravagista era com fardo que exerciam qualquer posição que excedesse a condição de mulher objeto, mulher sexo e mulher labor. Portanto, dentro da estrutura de dominação e opressão que pesava sobre elas, as mulheres negras viram-se fadadas a reconstruírem-se como mulheres nesse curto espaço de negociação. (p. 239-240)

Contexto histórico e prosa são interligados pela contação de histórias. Nesta, a representatividade do corpo da mulher como propriedade do branco aparece na personagem Delfina, que tem o seu devaneio em tornar-se senhora e empenha todo o seu esforço em atingir seu objetivo. Para alcançar tal status, a personagem entrega seu corpo, ventre e alma ao Soares, um colono português que, tomado por desejos juvenis, deixa sua família para viver com a negra. Ela, por sua vez, abandona sua identidade, e passa a fazer de tudo para adquirir o status de branca. Vemos, então, uma “colonização” do corpo da mulher negra. A conquista do corpo de Delfina, assim como a conquista das terras da Zambézia, revela-se uma vitória a ser celebrada pelos brancos. Sua beleza e riquezas são exploradas e o europeu se apresenta como única solução para os problemas, oferecendo a assimilação como forma de alcançar patamares mais altos.

Delfina torna-se assimilada em seu coração, corpo e mente, sem precisar de troca de nomes ou uniformes. Passa a enxergar-se como branca, poderosa, e crê que sua maior expressão de liberdade é estar presa a um colonizador: “-Eu te amo porque és branco, és civilizado, és bom. Antes de ti tudo era negro, era pobre. Hoje temos rádio e até eletricidade. Aqui em casa tudo é higiene, não falta roupa, não falta comida e até comemos bacalhau.” (CHIZIANE, 2018, p.224)

Em uma situação envolvendo o personagem Lavaroupa da Silveira, amigo de José dos Montes, acontece a entrega da esposa para gerar os filhos de seu senhor por temer a deportação e castigo. Nesse caso, o uso do sexo e do corpo da mulher negra torna-se forma de estabelecer o poder e reafirmar a soberania do colonizador sobre o colonizado: “Os marinheiros fizeram do sexo uma arma de guerra. Venceram e tudo pertence ao regime: o espermatozoide, o óvulo, o sangue, os braços dos homens e o sexo das mulheres.” (CHIZIANE, 2018, p.181)

Dessa forma, é possível constatar que a colonização vai além da posse e exploração das terras, pois a dominação perpassa os valores, o corpo e a identidade da mulher negra.

Maria das dores e o pós-colonialismo

Ao decidir o nome de sua filha, Delfina renunciava o futuro de sofrimentos e dificuldades que estavam por vir. Maria certamente sofreu muitas dores, todas narradas por Paulina Chiziane em tom de crítica e cobertas de um sentimento pós-colonialista que busca reconquistar a identidade do povo através do resgate das raízes: “Maria das Dores é o seu nome. Deve ser o nome de uma santa ou uma branca porque as pretas gostam de nomes simples [...] Maria das Dores é um nome belíssimo, mas triste. Reflete o cotidiano das mulheres e dos negros.” (CHIZIANE, 2018, p.12)

Ao aparecer nua às margens do Rio Licungo, nas primeiras páginas do romance, a personagem desperta revolta nas outras mulheres pelo fato de estar do lado do rio no qual os homens se banhavam. O acontecimento é visto como absurdo por todas, que apedrejam Maria e a expulsam do lugar. Então, entra na história a esposa do régulo, mulher sábia, que exerce influência sobre as outras. Ela vê Maria como uma “mensageira da liberdade” e tenta abrir os olhos das mulheres contando-lhes as lendas sobre a origem do mundo e o poder das mulheres que fora tomado pelos homens há muito tempo, quando o matriarcado deu lugar ao patriarcado:

Os homens invadiram o nosso mundo - dizia ela -, roubaram-nos o fogo e o milho, e colocaram-nos num lugar de submissão. [...] Uma mulher nua do lado dos homens? Ó gente, ela veio de um reino antigo para resgatar o nosso poder usurpado. Trazia de novo o sonho da liberdade. (CHIZIANE, 2018, p. 18)

Além da revolta, a presença de Maria gera curiosidade àqueles que presenciaram sua chegada, porém ao perguntarem-lhe sobre sua origem e seu passado, são respondidos com outros questionamentos e dúvidas: “Quem sou eu? Uma estátua de barro, no meio da chuva. Odeio as roupas que me limitam o voo. Odeio as paredes das casas que não me deixam escutar a música do vento.” (CHIZIANE, 2018, p. 13-14)

Maria das Dores, filha de Delfina e José dos Montes, enlouquece após deixar seu marido, o feiticeiro Simba, para o qual foi entregue pela sua própria mãe em troca do coração do branco Soares. Maria é uma clara representação da terra da Zambézia, cenário da história, que é invadida e explorada como ela fora, ao ter sua virgindade vendida e sua inocência arrancada. Nesse cenário, ela passa a viver em uma espécie de escravidão, na qual o marido agia como seu dono e não a permitia sair ou fazer nada que fosse contrário à sua vontade, sob pena de matá-la, caso contrariado. Com o tempo, a menina que chega aos 13 anos na casa do feiticeiro, em toda a sua pureza e inocência, vê-se, aos 18 anos, embriagada e irreconhecível, sem saber mais quem é ou para onde ir. Essa perda de identidade nos remete diretamente à perda identitária do povo colonizado na África. De acordo com Stuart Hall (2003), que analisa o pós-colonialismo em seu livro *“Da Diáspora”*, a colonização é mais do que o domínio de certa região, mas significa “o processo inteiro de expansão, exploração, conquista e hegemonia imperial” (p. 112), criada pela imposição dos padrões do colonizador sobre o colonizado. Aos poucos, Maria das Dores recupera as memórias, a sanidade, e, finalmente, reencontra seus filhos há muito perdidos. Após ter sua identidade perdida por um tempo, a retomada das memórias de seu passado e de suas raízes é crucial para que volte a si. Esse processo relaciona-se diretamente com a retomada de identidade da África pós-colonial. Para a recuperação dessa identidade, é necessário um retorno às raízes, assim como diz CAMPOS (2008):

A luta contra a dominação estrangeira e pela afirmação de uma identidade nacional efetuada pela literatura passa necessariamente pela retomada da dignidade do passado. A descaracterização da imagem forjada pelo opressor se dá por intermédio de uma “recuperação” e valorização da história que fora negada ou mal contada pelo colonizador. Essa incursão ao passado se faz necessária na medida em que criar um sentimento nacionalista ou de identificação nacional requer, obrigatoriamente, se livrar da negatividade imposta pelo colonizador e fundar bases que afirmem a aspiração da construção de um país independente ou de uma nação consolidada. (CAMPOS, 2008, p.14-15)

Logo, assim como Zambézia, Maria das Dores é deflorada, explorada e tem sua identidade perdida, mas por meio da memória, volta às raízes. Por meio da incursão ao passado, sua história passa a ser valorizada e navega a caminho de um novo mundo, agora, reconquistado.

Considerações finais

A Literatura desperta reflexões em torno do presente e do passado. Na obra de Paulina Chiziane, as figuras femininas representam a trajetória de opressão vivida pelas mulheres e pelo próprio país. Em tom de poesia, a escritora que se diz contadora de histórias e faz muito bem esse papel na construção da narrativa. Com Delfina, mostra-se a dor do passado carregada de preconceitos e sofrimento dos colonizados. Maria das Dores, que também trilhou os caminhos difíceis como a mãe e perdeu os filhos, revela alguma esperança de liberdade e possibilidade de mudança ao final. Quando encontra os filhos, vence uma etapa que marca rumo novo para ela e para o próprio país. Com a independência, filhos não serão mais perdidos. Espera-se que as mulheres resgatem o respeito presente nas histórias dos tempos antigos da esposa do régulo.

Desse modo, a literatura pós-colonial volta no tempo com os olhos críticos do presente a fim de projetar esperança ao futuro. Este trabalho não esgota o assunto, por isso há muito o que buscar nas histórias contadas pelas autoras africanas, em

especial, de língua portuguesa. Por meio delas encontramos afinidades, pois a escravidão atravessou mares. Muitas Delfinas e muitas Marias das Dores sofreram violência, perderam seus filhos, submeteram-se ao branco. Assim, recordar o passado faz com que se busque a reconstrução da realidade presente em vista de melhorias e de superação das marcas deixadas.

Referências

BONFIM, Vânia Maria da Silva. **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora / A identidade contraditória da mulher negra brasileira. *In: O drama da mulher negra*: seu desfazimento e reconstrução. Brasil, Editora Selo Negro, 2009.

CAETANO, Marcelo José. **Itinerários Africanos**: Do colonial ao Pós- colonial nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. v.4 Anos. IV, nº. 2, 2007

CAMPOS, JS. **A historicidade das literaturas africanas de língua oficial portuguesa**. Universidade Federal de Goiás, Goiás: 2008.

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas**: literatura e nacionalidade. Lisboa: Veja, 1994.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. 1ª ed., Ed. Dublinense, 2018

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, M. N. S., & MOREIRA, T. T. (2017). **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa**. Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaio, (16), 13-72.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MATA, Inocência. **O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa**. Universidade de Lisboa, 2000.

MENDES, A. M; e CIARLINI, D. C. B. **O pós-colonialismo em O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane:** pontos convergentes. Universidade Estadual do Piauí-Uespi. Contexto, 2014.

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia.** In KI-ZERBO, J (org). História Geral da África: Metodologia e pré-história da África. Tomo I, São Paulo: UNESCO, 1982.